

LINGUASAGEM

A LEITURA COMO REQUISITO NA POLÍTICA: DO ELOGIO AO ESCRACHO¹

Luzmara CURCINO²

Resumo

A breve análise desenvolvida neste artigo é um exemplo do uso do valor simbólico da leitura na promoção ou crítica de indivíduos, na construção de uma sua dada imagem, e em específico, na qualificação ou desqualificação de personalidades políticas de relevo no Brasil. Apoiada em princípios da Análise do discurso e da História cultural da leitura, selecionei e analisei textos de origem virtual (publicados sob a forma de *posts* em *blogs*), em cujas declarações sobre essa prática encontram-se manifestos certos discursos sobre a leitura, que orientam e subsidiam o que se diz sobre essas figuras políticas de relevo, quanto ao fato de serem ou não leitores, com vistas a contribuir para a desmistificação de certas representações consensuais que se naturalizaram entre nós como se equivalessem de fato ao que é a leitura e ao que é ser leitor e não a um efeito do funcionamento de discursos e das lógicas hierarquizantes e distintivas que atuam em nossa sociedade.

Palavras-chave: Discursos sobre a leitura; Políticos leitores; Posts em Blogs; Elogio; Derrisão.

Abstract

The brief analysis developed in this article is an example of the use of the symbolic value of the reading in order to promote or criticize the individuals, in the construction of a given and own image, and specifically, in the qualification or disqualification of famous political personalities in Brazil. Being based in principles from Discourse Analysis, and from the Cultural History of reading, I selected and analyzed texts from virtual sphere (published in the form of posts in blogs), in which declarations related to this practice are manifests certain discourses about the reading, that guide and subsidize what is said about these famous political personalities, in relation to the fact of being or

¹ Este texto apresenta resultados parciais da pesquisa “Divisões sociais dos leitores no Brasil: uma análise dos discursos da mídia sobre as práticas de leitura de políticos brasileiros” (com apoio CNPq bolsa PDS - 104991/2016-0), desenvolvida sob a supervisão do Prof. Sirio Possenti - UNICAMP.

² Doutora em Linguística e Língua Portuguesa, docente no Departamento de Letras e no Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSCar, coordenadora do grupo de pesquisas LIRE – Laboratório de Estudos da Leitura. Contato: luzcf@ufscar.br.

not readers, with the purpose to contribute to demystification of certain and consensual representations that have become naturalized among us as if they really equated to what is reading, and about what is to be a reader, and not as an effect from the discursive operation and its hierarchical and distinctive logics that act in our society.

Keywords: Discourses about reading; Political readers; Posts on Blogs; Compliment; Derision.

Políticos (não) leitores: uma análise de discursos sobre a leitura

Se certas competências são quase sempre reiteradas em processos eleitorais ou durante o exercício do cargo político quando se visa construir (ou desconstruir) a imagem de um ator na política – competências como a de ter poder de decisão, de assumir a responsabilidade de ações, de dar o exemplo, de ser proativo, de ser honesto, de ser empreendedor, de ser desenvolvimentista, de ser preocupado com causas sociais etc. – outras competências reclamadas de um líder político, ou por ele declaradas, são, no entanto, menos comuns e ‘mais específicas’, mas por seu valor simbólico e por sua possibilidade de serem ligadas ou de representarem metonimicamente essas outras competências necessárias a um líder político, são então evocadas e exploradas na promoção ou na descredibilização desses sujeitos.

Uma dessas competências específicas exploradas na construção da representação do político é a prática de leitura.

Em sua maioria em tom derrisório, e graças a sua condição de produção e circulação digital relativamente nova, desinstitucionalizada, informal e popular, pululam textos em redes sociais que se valem do consenso em torno dos discursos sobre a leitura para construir e reforçar traços (positivos ou negativos) do caráter, da figura e das ações de políticos brasileiros. Neste texto nos detivemos à representação de não-leitor, reiterada em diversos textos disponíveis na rede virtual, relativa ao ex-presidente Lula³.

Além de textos de internautas que abordam propriamente o tema, há uma gama ampla de comentários que repercutem essas postagens, algumas delas compostas

³ A pesquisa de que deriva este artigo teve por objetivo analisar as representações da leitura, e de leitores, manifestas na mídia tradicional (jornais e revistas impressas e virtuais de circulação nacional) que evocam essa prática em textos sobre os presidentes FHC, Lula e Dilma. Paralelo a esse levantamento e análise, travamos contato com textos produzidos para circularem exclusivamente nas redes sociais, sob a forma de postagens (memes) com a exploração de um dado humor. São muito frequentes, se comparado aos casos relativos a FHC e Dilma, as postagens (memes) que representam Lula como não-leitor, recorrendo para isso aos estereótipos relativos ao analfabetismo e à indolência, principalmente, tal como descrito no corpo deste texto. Esse *corpus* alternativo de que nos ocupamos neste artigo tem como especificidade, embora reproduza o que se enuncia na mídia tradicional acerca do perfil leitor desses presidentes, a diferença quanto ao modo como enuncia, em geral de maneira menos modalizada, mais explícita e, sob a ‘proteção’ do humor, de maneira mais preconceituosa e injuriosa.

basicamente de imagens do ex-presidente em situações prototípicas de leitura (com um livro ou jornal à mão, por exemplo), acompanhadas de uma legenda-comentário inserida pelo autor da postagem. Outras vezes, o trabalho de edição é mais cuidadoso, do que são exemplos as fotomontagens e a produção de charges.

Uma dessas postagens se encontra no *blog VESPEIRO: Venha mexer com ele*, de responsabilidade do jornalista Fernão Lara Mesquita que, segundo ele, “só acredita em jornalismo como instrumento de reformas” e informa que o *blog* “abriga notas curtas a ensaios inspirados pelo noticiário de atualidades”. Uma de suas postagens é composta de uma foto em que se retrata Lula lendo um jornal, acompanhada da seguinte legenda:

No dia 8 de outubro de 2009 o Brasil se deparou com uma imagem inusitada. Sem mostrar nenhum sinal de azia, lá estava o presidente Lula lendo um jornal, com um bem humorado sorriso de satisfação estampado no rosto!

Esse é o mote inicial para um texto cujo objetivo principal era, de fato, informar sobre o lançamento do jornal “Brasil Econômico” e denunciar o pertencimento deste jornal a um “vasto latifúndio multimídia”, nas palavras do jornalista blogueiro. O que chama a atenção nesse *post* é o fato de que, para se fazer a crítica à criação de um jornal com a qual diverge o jornalista, mobiliza-se, reitera-se e explora-se de forma irônica e jocosa a menção às competências leitoras do então presidente. A leitura, a leitura de um jornal por parte de Lula, a leitura de um jornal por parte de Lula que por seu sorriso sinaliza estar gostando do que lê, são práticas tratadas como algo ‘inusitado’, fonte de surpresa, em especial porque ele aparentemente não manifestava, no momento da foto, ‘sinais de azia’ ao ler o jornal.

A representação de Lula como não-leitor vale-se intertextualmente de uma declaração feita pelo próprio presidente, e que foi à época amplamente explorada em seu potencial de polêmica na mídia brasileira, quando pronunciada em uma circunstância em que fora perguntado se lia jornal toda manhã. Em sua declaração o então presidente afirmou que lia menos do que deveria, mas conversava muito, mais até do que era preciso para compreender o que ocorria. Compelido a se justificar quanto a essa prática, explicou que evitava ler o que certos jornais brasileiros publicavam sobre ele e seu governo porque isso lhe provocava azia. Embora se referisse jocosamente ao conteúdo de textos específicos e com isso reiterasse a crítica quanto ao modo peculiar como a mídia falava dele desde sempre, a declaração do presidente circulou e é

recorrentemente lembrada sob a forma de construções enunciativas generalizantes quanto a seus hábitos de leitura: Lula tem azia quando lê; Lula tem azia quando lê jornal.

A azia, atribuída ao gesto de ler, estaria na antípoda do que se preconiza positivamente como enunciável sobre a leitura, uma vez que todos acreditamos e compartilhamos a ideia de que o bom leitor é aquele que lê, mas não o faz de qualquer modo, e sim por prazer. A generalização do que disse o presidente produziu e produz ainda, a cada evocação desse enunciado destacado de seu contexto, uma sua interpretação disfórica porque inevitavelmente evoca e é colocada em relação de paráfrase contrastiva com discurso mais consensual sobre a leitura, na atualidade, segundo o qual “ler é prazer”⁴.

Outro exemplo de *post*, de grande repercussão no universo virtual e que explorou, assim como o anterior, a crítica às competências leitoras de Lula, foi publicado na página digital do jornal “*O Expresso*” que, conforme descrito no editorial, é um jornal impresso, semanal, do Oeste da Bahia, com tiragens entre 5.000 e 13.000 exemplares⁵. Nesse *post*, publicado no dia 29 de maio de 2011, figura uma fotomontagem de Lula lendo um livro, o “Aleph” de Paulo Coelho, em que ele é apresentado segurando o livro de ponta cabeça. A fotomontagem tem por título: “Um leitor que só faz pose!”, e como legenda:

Já sei: Vão dizer que é photoshop, que é invenção da imprensa golpista, que o ex-presidente mais popular da história do País jamais cometeria um erro desses, que o defeito é nos novos óculos, mas que fica chato, ah! isso fica, fazer pose de intelectual com o livro de cabeça para baixo. Ninguém merece!

A ideia de leitor que só faz pose, ou seja, que não lê, mas que se apresenta lendo, é interessante se considerarmos que ela é de fato um lugar comum entre as poses de personalidades que querem agregar valor a sua imagem. É muito comum pessoas querendo sustentar, demonstrar, construir e manter sua imagem como intelectual se valerem desse subterfúgio, fotografando-se com uma estante de livros ao fundo. O ex-presidente Fernando Henrique e foi fotografado, sistemática e reiteradamente, nessa condição, assim como outros antes dele. Ser representado com livros simboliza a atividade intelectual, e ser representado frequentemente tem como efeito a

⁴ Cf. BARZOTTO & BRITTO, 1998; BRITTO, 1999.

⁵ Disponível em: <<http://jornaloexpresso.wordpress.com/2011/05/29/um-leitor-que-so-faz-pose/>>. Consulta em 12 de Fev. 2014.

representação de uma prática que lhe seria própria, natural, espontânea. Os livros, em sua condição de símbolo, alegariam a condição de leitor e agregariam valoração às ações do leitor, sem que necessariamente elas tenham relação direta e explícita com a atividade exercida pelo sujeito representado na companhia de livros.

Nesse caso, as fotos posadas de FHC com livros agregam-lhe valor simbólico. No caso das fotografias, das quais derivam fotomontagens e charges, de Lula ‘lendo’, explora-se o efeito inverso, o da não familiaridade com o objeto e com o código, por isso a sua representação com livros ou jornais vem acompanhada da alusão a algo “inusitado”, “surpreendente”, “incomum”. Essas alusões reforçam o caráter improvável, por isso questionável, da veracidade de uma imagem, ainda que fotográfica, retratando Lula lendo. Diante do caráter referencial da imagem fotográfica, nessas postagens seus autores atribuem a elas um caráter “inusitado”, ou as colocam sob suspeita, ou as alteram para condizer melhor com a imagem que fazem e compartilham sobre o presidente. As fotomontagens, e suas inumeráveis versões e reproduções em textos de gêneros, origens e objetivos os mais diversos, que representam Lula com um livro de cabeça para baixo, atestariam sua inabilidade com a prática, mas também insinuariam o caráter ardiloso daquele que se faz fotografar com um livro, embora até mesmo para o emprego dessa estratégia seja necessária uma competência que o presidente não teria: a de distinguir se o livro está ou não de cabeça para baixo.

Essa fotomontagem circulou intensamente na rede, recebendo comentários os mais variados, e que se nos apresentam como uma fonte muito importante para compreender o imaginário contemporâneo que compartilhamos sobre a leitura. Aliados ao desejo de criticar ou de apoiar o ex-presidente em função de posições ideológico-partidárias às quais se filiam os comentaristas, a prática de leitura torna-se mais um dos argumentos contra ou pró essa personalidade política.

Nesse *post*, cujo objetivo explícito é o de criticar o ex-presidente, são empregadas pelo menos duas estratégias argumentativas que visam construir o valor de verdade do que é enunciado. Observamos, por um lado, a antecipação e simulação do que diriam aqueles que sairiam em defesa do ex-presidente; por outro, a crítica à ‘pose de intelectual’ e ao equívoco grosseiro de ler (ou não ler, mas parecer ler) um livro de cabeça para baixo.

Empregando um tom informal, manifesto por escolhas linguísticas que assemelham a escrita a uma conversa (“Já sei”, “mas que fica chato, ah! Isso fica”, “Ninguém merece!”), o jornalista se vale em sua argumentação da antecipação da voz

de seus prováveis críticos, simulando os seus comentários, apresentados como previsíveis, porque empregados constantemente em defesa do ex-presidente, e ironizando-os, ao lhes atribuir a evocação de um argumento absurdo, pouco credível, a saber, um “defeito nos novos óculos”. Ao relacionar aos três prováveis primeiros argumentos de seus críticos (‘resultado de um photoshop’, ‘invenção da imprensa golpista’, ‘erro que jamais seria cometido pelo presidente’...) ao quarto argumento (defeito nos novos óculos), o jornalista, produzindo um efeito derrisório, visa fragilizar os três primeiros alinhando-os ao último argumento, que transferiria seu valor absurdo, infundado, pouco crítico, puramente defensivo, aos demais que o antecederam.

Essa mesma fotomontagem encontra-se em outro *blog*, intitulado “Dose Literária: Sua dose diária de literatura”⁶, criado em 2011, descrito por seus responsáveis como

um blog literário mantido por amigas, com conteúdo diferenciado, temas diversificados, de política democrática, em que nos expressamos de forma livre, cada uma a sua maneira, mas todas falando em torno de um mesmo amor em comum, livros e leituras.

No dia 29 de novembro de 2012, sob o título “Dose de paparazzi: personalidades brasileiras lendo”, são publicadas fotografias de figuras midiáticas como Fátima Bernardes, Luciano Huck, Alexandre Frota, entre outros, com livros na mão ou lendo. Entre essas fotografias é publicada esta mesma fotomontagem do presidente Lula segurando o livro de cabeça para baixo. As fotografias dessas personalidades em situação de leitura são acompanhadas de legendas que enunciam observações sobre esses leitores com tom relativamente jocoso. No caso de Lula, ele é o único que dispõe de duas fotos, uma na sequência da outra, nesta mesma seção. Na primeira, durante um voo, segura um livro que estaria lendo, intitulado “Ainda existe esperança: a solução para os problemas da vida” de Henrique Chaij. Na segunda, é retratado ‘lendo’ o “Aleph” de Paulo Coelho, de cabeça para baixo.

O *post* tem como objetivo mediocrizar as celebridades fotografadas lendo, explorando tanto a ideia de que elas não leem efetivamente, mas fazem pose de leitor, quanto, se leem de fato, leem textos de gosto duvidoso, o que também é uma forma de não-leitura. Não ler, mas fazer pose, ou ler, mas ler textos ruins fariam delas exemplos

⁶ Disponível em: <<http://www.doseliteraria.com.br/2012/12/dose-de-paparazzi-celebridades.html>>. Consulta em: 10 de Fev. 2014.

de não-leitores, em especial, aos olhos de leitores prototípicos (que leem literatura consagrada, que amam livros e que amam falar de suas leituras) e que gozam, portanto, de prestígio cultural por personificarem certas verdades, certos discursos autorizados sobre a leitura.

No caso das duas imagens de Lula ‘lendo’, reitera-se sua desqualificação como leitor, seja pela comparação com as demais personalidades não consideradas verdadeiros leitores, seja pela explicitação do gênero dos livros que leem: biografias de origem midiática, textos de cunho religioso ou de autoajuda, títulos que por si só condenariam seus leitores ao desprestígio. O comentário das editoras do *blog* e responsáveis pelo *post* relativo às fotos de Lula afirma:

Nosso ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva prova que leitura e educação foram prioridades máximas em seu governo. Exemplo disso é a busca de Lula por novas modalidades de leitura, como a de cabeça para baixo. Um primor!

Valendo-se do mesmo tipo de argumentação do *post* do jornal “O Expresso”, a derrisão é produzida pela junção da simulação da voz de um outro (daqueles que afirmam terem sido a leitura e a educação prioridades máximas no governo de Lula), com a exploração da ironia (ao se aludir que Lula teria inventado uma nova modalidade de leitura). O uso da ironia como argumento para a produção da crítica a práticas de leitura consideradas ilegítimas se manifesta na sequência desse comentário que finaliza o *post*: “Então, somos ou não um país de leitores?”.

A ironia manifesta nessa pergunta retórica contribui para estabelecer a distância entre os leitores ‘de fato e de direito’ que leem livros, que criam blogs de promoção da leitura, que constroem sua imagem positiva por meio de sua afirmação como leitores, e os não-leitores, que corresponderiam à maioria dos brasileiros. Não se trata aqui de um “nós” inclusivo. Quem escreve não se inclui de fato, reproduzindo com essa generalização (somos ou não somos), e com a ironia de sua aparente inclusão, o mecanismo da distinção (social, cultural e simbólica)⁷. A crítica fácil, sob a forma dessa pergunta retórica, ignora ou apaga os aspectos socio-históricos que constroem os discursos e as práticas, ou seja, os discursos sobre a leitura e as práticas de seu exercício ou de seu não exercício. São silenciadas as razões e as condições segundo as quais os sujeitos podem vir a exercer certas práticas de leitura de maior prestígio, tais como o recente acesso da maioria à escola, a distribuição e posse desigual do livro geográfica e

⁷ Cf. BOURDIEU (2007).

socialmente, a invisibilidade e desprestígio de práticas de leitura que destoam daquelas consagradas, em função dos textos que são lidos, das razões por que se lê e das circunstâncias de leituras⁸.

A incompreensão ou a ignorância em relação a essas diferenças são as responsáveis pela remanência do discurso da ‘falta’ e da ‘crise’ de leitura, atrelado ao discurso do ‘desinteresse’, da ‘alienação’ relacionados e atribuídos à maioria da população brasileira, ou seja, às pessoas de origem humilde e desapropriadas dos meios que lhes garantiriam a opção de ser leitor.

Publicada em 20 de Junho de 2013, essa mesma fotomontagem do ex-presidente Lula lendo um livro de cabeça para baixo é novamente utilizada no site do São Paulo Futebol Clube, em texto que critica torcedores corinthianos⁹. Entre os estereótipos mobilizados para a crítica, reforça-se o imaginário de que são ‘povão’ e analfabetos, tal como o ex-presidente, corinthiano confesso. Para reforçar a ideia de analfabetismo que os caracterizaria, o *post* emprega essa mesma fotomontagem em que Lula leria um livro de cabeça para baixo, acrescentando-lhe a declaração “Vôti, livro que só tem letras, sem nenhum desenho...”. Esse enunciado é construído com base em duas imagens que pertencem a temporalidades e a espacialidades distintas, articulando a curta e a longa duração, o regional ao universal, demonstrando a força de certos discursos sobre a leitura e o leitor que vigoram ainda hoje.

A primeira representação é manifesta pelo emprego da interjeição “Vôti”, remete a um uso linguístico que atestaria o pertencimento de seu enunciatador ao Nordeste brasileiro, como forma regional e popular de expressão de surpresa, espanto, admiração. O uso da expressão tem como efeito uma certa ancoragem no real. Ela atestaria e reiteraria o imaginário segundo o qual, entre os epítetos atribuídos aos torcedores do Corinthians (semi-analfabeto, ladrão ou presidiário) encontra-se o de ‘baianos’, forma estereotipada e preconceituosa para designar de maneira genérica os imigrantes nordestinos ou seus descendentes, em São Paulo.

A segunda representação, mais antiga e universal, recuperaria e reiteraria uma imagem de leitor inábil, pouco familiarizado com o universo da escrita e com baixo grau de letramento formal, de onde sua preferência pela decodificação de imagens. Muito explorada desde a Antiguidade, as ilustrações em textos escritos desempenharam ao

⁸ Cf. ABREU (2001 e 2011).

⁹ Disponível em: <<http://spfc.terra.com.br/forum2.asp?nID=217190>>. Consulta em 10 de Fev. 2014.

longo da história um papel tanto estético quanto didático¹⁰. Remonta, portanto, à longa duração essa representação segundo a qual as imagens são aliadas de pessoas analfabetas ou semi-analfabetas que se intimidariam diante de textos verbais¹¹. Ao lado desta representação do analfabeto que não sabe ler, insinua-se a representação da preguiça de ler. As imagens facilitariam essa tarefa. Essa é uma imagem do brasileiro que remonta ao modo preconceituoso como se afirmava a indolência de indígenas, negros, mulatos. A relação entre sua etnia e sua situação de miséria era explicada por sua indolência.¹²

Considerações finais

Essas poucas postagens que trazem Lula lendo, e que se valem de uma representação eufórica da leitura (logo, disfórica da não-leitura) para construir ou reforçarem uma dada imagem negativa do homem político, assim como de uma autoimagem positiva daqueles que denunciam a falta, a carência, são uma das fontes para acessarmos um certo imaginário que compartilhamos como sociedade sobre a leitura. A força de verdade desse discurso liga-se à sua reprodutibilidade, à sua reiteração em diversos meios, textos, assumidos por posições sujeito relativamente distintas (jornalistas, torcedores de futebol, amantes da literatura etc.) que se assemelham por se colocarem no lugar contrário àquele que é criticado em sua relação à prática de leitura. A força de verdade desse discurso, constituída por sua remanência e pela posição hierárquica dos sujeitos que o assumem norteia grande parte de nossas afirmações, avaliações, julgamentos, dessa prática e dos sujeitos que a atualizam (ou não, tal como deveriam).

Por seu valor sociocultural historicamente estabelecido, a leitura é concebida como prática distintiva dos indivíduos, como prática que, por ser considerada

¹⁰ Um exemplo de seu papel didático é apresentado por Albert Labarre (1989), Conservador-Chefe da Biblioteca Nacional da França, em sua história do nascimento do livro impresso. Ao analisar a iconografia empregada em: “‘Livros de Horas’, destinados em especial às mulheres, entre os séculos XV e XVI, o historiador encontra na página inicial de um exemplar a seguinte afirmação: As ‘Horas da Virgem’, para uso de Roma, recentemente decoradas com novas figuras, pois a compreensão que as letras encontram nos doutores, as imagens asseguram, sem dúvida, aos ignorantes e aos simples, como diz o ditado: a pintura é a escrita dos laicos; é com efeito por ela que aqueles que não conhecem as letras podem ler e compreender o segredo das coisas.” (p. 252).

¹¹ Leitores jovens também são vítimas dessa crítica, e entre o que se diz sobre seu não hábito de leitura encontra-se a afirmação conhecida de que a primeira observação que fazem diante de um livro que devem ler, eles avaliam o número de páginas, o tamanho da fonte e a quantidade de imagens de modo a antecipar o quanto de sofrimento os aguarda.

¹² Cf. análise de Turati (2016, p. 72), em que demonstra a reprodução dessa representação por grandes estadistas do período imperial, como José Bonifácio, para quem, e conforme “a concepção protestante inglesa, havia uma pobreza digna ligada ao trabalho e outra desprezível ligada à preguiça, e que ele preferia chamar de miséria, sem distinguir, no entanto, os fatores causadores de tal miséria.”

essencialmente boa em si, transferiria para aquele que se afirma leitor ou de quem se afirma ser leitor o prestígio histórico, os valores simbólicos que lhe foram agregados. Assim, como prova incontestada de competência intelectual, e afastada das práticas de menor prestígio ligadas ao caráter braçal, a posse de livros, a pose com livros, a leitura de livros agregaria ao perfil do sujeito que se mostra leitor essa competência intelectual. Não é sem razão que em muitas postagens é feita a relação direta entre ser leitor e ser competente, ser inteligente, ser capaz.

Prova da força do imaginário segundo o qual só é leitor aquele que lê livros – objeto consagrado cujas razões de sua valoração ligam-se a um imaginário oriundo de quando sua produção era escassa, sua posse rara, seu encadernamento ornado em pedras preciosas, fizeram deste objeto cultural um símbolo de distinção e de competência intelectual – encontra-se na presença direta ou indireta desse imaginário na maioria desses *posts* analisados e dos demais que se ocupam dessa temática. Fala-se neles com mais frequência da leitura de livros, em especial de livros de gêneros literários ou de entretenimento, lidos não por obrigação, não por exigência das atividades profissionais, mas de forma desinteressada, espontânea e constante, que corresponderiam aos ‘verdadeiros’ atributos de um leitor com L maiúsculo. Explorou-se nessas imagens a hipotética inabilidade de leitor do ex-presidente Lula, seja de decodificação de textos, seja de leitura de textos distintos, já que ele é retratado lendo gêneros de pouco prestígio (como é o caso de textos de Paulo Coelho, que embora tenha grande prestígio popular, não é citado entre os livros de cabeceira de intelectuais).

A exploração desses discursos sobre a leitura é constante e profícua quando o objetivo é produzir distinção e estigmatização de certos sujeitos. Na política ela é explorada com frequência, por sua força em reiterar outros traços que se quer atribuir àquele que lê ou àquele que não lê: sua capacidade intelectual, sua competência administrativa etc. Embora sejam atribuídos esses traços, a leitura, como bem constataram os professores Magda Soares (2008) e Luiz Percival Leme Britto (1999), não deveria ser vista como uma prática que goze de valor estético ou moral, boa em si mesma, emancipadora por si só, atestadora de outras qualidades eufóricas daquele que lê. A leitura, diferentemente, é uma ação transitiva, cujo objeto da leitura, os usos que dela fazemos, os modos como e as razões pelas quais a promovemos, e os discursos que sobre ela reiteramos deveriam ser fonte de esclarecimento, abertura cultural e compromisso com o seu ensino em nome de uma formação cidadã mais ampla, justa e efetivamente democrática, e não formas de estigmatização e distinção social, herdeiras

de discursos que remontam a um passado que já não mais condiz ou não deveria condizer com quem somos hoje.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, M. Diferença e Desigualdade: Preconceitos em Leitura. In: MARINHO, M. (org.). **Ler e Navegar: espaços e percursos da leitura**. Campinas: Mercado de Letras; ALB, (p. 139-157), 2001.

ABREU, M. **Diferentes formas de ler**. In: XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Campo Grande, 2001b. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/Marcia/marcia.htm>>. Acesso em 04 Fev. 2011.

BARZOTTO, V.H.; BRITTO, L. P. L. **Promoção X Mitificação da Leitura**. In: Boletim informativo da ALB, Campinas, n.3, ago. 1998.

BOURDIEU, Pierre. **A Distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: EDUSP; Porto Alegre: Zouk, 2007.

BRITTO, Luiz Percival Leme. Máximas impertinentes. In: PRADO, Jason; CONDINI, Paulo (Org.). **A formação do leitor: pontos de vista**. RJ: Argus, 1999.

SOARES, M. Ler, verbo transitivo. In: PAIVA, Aparecida [et al.] (Orgs.). **Leituras literárias: discursos transitivos**. Belo Horizonte: Autêntica. 2008. Disponível em: <http://www.leiabrasil.org.br/old/leiaecomente/verbo_transitivo.htm>. Acesso em: 15 nov. 2012.

TURATI, Carlos Alberto. **O discurso político da luta contra a pobreza: uma análise de sua produção e circulação no contexto brasileiro contemporâneo**. Tese de Doutorado. São Carlos: UFSCar, 2016.

Submetido em: 26/11/2018.

Aprovado em: 03/11/2019.

Como referenciar este artigo:

CURCINO, Luzmara. A leitura como requisito na política: do elogio ao escracho. In: **revista Linguagem**, São Carlos, v.32, Número temático. Discursos sobre leitores e leitura: suas representações simbólicas como tema de pesquisa. dez/2019, p. 18-28.